

L’Inconscient est structuré comme on l’engage

MD Magno

Transcrição da seção dos *SóPapos 2016*,
realizada em 01 outubro na UniverCidadeDeDeus,
sede da NovaMente.

Temos o conhecimento como domínio das coisas, e o conhecimento como transformação. A epistemologia é sempre falsa, pois a pessoa do filósofo não entra junto. Ele o toma como se houvesse objetividade, como se fosse capaz de escrever a realidade da coisa. Se a pessoa está envolvida com o conhecimento, ela vai junto. Por isso, gosto do artigo de Karl Popper em que escreveu que a falsificabilidade só é assim se você acreditar. Há o bobajal epistemológico de achar aquilo sério, mas foi a maneira que Popper inventou para fazer um mínimo de juízo sobre o conhecimento. Isto porque *acreditou* naquilo. Ou seja, o epistemólogo é sempre falso. Ele está fazendo algo que depende da transa de suas formações com outras formações, e chama isto de objetividade. Viver em estado de conhecimento, sabendo estar participando daquilo até vale para chamar a religião de: um fóssil do conhecimento primitivo. Conhecimento primitivo é religião. O chato é ela querer permanecer. Aí, quando alguém tenta conhecer produzindo religião, está inteiramente envolvido. Não há, pois, epistemologia possível, e sim uma Gnoseologia com determinado formato. Quanto a isto, Foucault tem razão ao dizer que, na Gnoseologia, o conhecimento envolve uma transformação de si. Jamais consegui acreditar em Popper, pois, se a coisa não foi falsificada, não

existe falsificabilidade. Por que a psicanálise não pode ser ciência por não ser falsificável? Todo conhecimento é falsificável? Não. Mesmo aquele de que se diz ser falsificável, é apenas *provisório*. Isto, até que se dê um passo a mais. Quando se mostra que um conhecimento não é bem assim, que é outra coisa, não há falso algum, pois aqui é isto e, lá, aquilo. O ideal de certeza científica é um ideal do século XX.

- P – *Qual a diferença entre fake e artificialismo?*

O artificialismo busca produzir algum tipo de conhecimento sobre algo. O *fake* é um fingimento de engodo do outro, ele não está operando. Observem, entretanto, que há algumas pessoas que são tão fingidas que aquilo parece verdade.

• P – *Mas, no caso do maneirismo, é notório que ele se utilizou demais de aspectos que, em sua época, seriam considerados falsos, fajutos e inferiores. Isto, para a construção de seu processo próprio.*

Esse julgamento da época é que é... *fake*. Não prestou atenção ao processo e o julgou pela via da outra construção, a clássica. Isto é que é falso por não considerar o que os maneiristas estavam considerando. O maneirismo não é *fake*. *Fake* é o classicismo. O *fake* propriamente, no sentido em que falo, não se sustenta. Se o invadimos, ele logo desaba. E mais, *fake* são sobretudo pessoas, e não produtos.

* * *

Lacan disse que *l'inconscient est structuré comme un langage*. Eu, brincando com a língua – dos outros, é claro –, disse (em 1990): *l'Inconscient est structuré comme on l'engage*. Por que disse eu isto, que o Inconsciente é estruturado no que ele se engaja?

E o que sustenta Lacan dizer como disse? Em primeiro lugar, o momento

histórico. Desde o nascimento do estruturalismo de Saussure, que vai bater em outros lugares, a vocação do século XX é dar conta do que é a linguagem: o sintoma do século XX é a linguagem. Acho que, em época alguma da história da linguística, fez-se tanta... linguística. Basta ver os filósofos lógicos, Russell e Whitehead, Carnap, Círculo de Viena, Wittgenstein... Este, aliás, foi melhor: descobriu que era um jogo e se perguntou como ficava esse jogo. Então, como supostamente, desde Freud – pois, antes, não era necessariamente assim –, houve atenção, na escuta do que a pessoa tem a dizer, ao dito verbalmente, ficou-se com a impressão de que o Inconsciente se exprime dessa maneira languageira, se não mesmo, linguisticamente. É o que faz Lacan, apoiado em tudo que podia assimilar da produção do século XX (mesmo quanto a coisas produzidas antes). Tanto é que, tempos depois, dirá não estar falando propriamente de linguística, e sim de *linguistérie*. Mas, no início, estava falando sim. Ao perceber que não devia, deu outro passo. Está certo, ele estava em sua lide com a questão – e, repetindo, a questão do século XX é a linguagem: todos preocupados com o fato de que há falantes.

• P – *Tudo isso em função do mentalismo, de como ter acesso à mente. E a linguagem parece ser algo acessível.*

Entretanto, se tomarmos o livro de Jean-François Lyotard, que sempre menciono, *Discours, Figure* (1971), veremos que ele derruba essa ideia. Ao fazer artes plásticas, arquitetura, etc., não estamos falando? Lacan se vale da desculpa de que não se faz isso sem, primeiro, falar. Ele tinha a ideia de que tudo tem que passar pela linguagem falada, pela fala. Achava que não se pode pensar um sistema matemático senão, primeiro, falando. Não é verdade. Há intuições matematicamente diretas, sem falação a respeito. É o que Einstein dizia sobre intuir o processo e, depois, tentar descrever. As construções jamais aconteciam

em sua cabeça como frases, ele as *via*¹. Um artista plástico, por exemplo, frequentemente não está verbalizando nada, mas *intui*, percebe uma formação. Tanto é que, depois, é difícil para ele saber o que fez e para quê aquilo serve. Aí, pergunta ao crítico, que, este, só tem emprego porque o artista não sabe falar, e não constituiu seu trabalho por meio de frases. Tomem alguém como Pollock, que frases tem ele? Ele é um rabiscador, e os críticos ficam falando sobre seus rabiscos. Além disso, críticos diferentes falam diferentemente daquilo. E todos estão certos: foi o que puderam dizer daquilo que o outro viu.

O século XXI pensa como estou dizendo agoraqui. No século XX, tivemos os últimos estertores da vontade de poder no conhecimento do Terceiro Império. Lacan, então, com toda a parafernália de saberes que utilizou – notem que, no final da vida, ele se dá conta de que não era assim e, por isso, começa a topologizar, a tentar a matemática –, ao mesmo tempo que diz que “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, começa a fugir disto. Estabelecer matemas é fugir disto. Depois, tentar reduzir o acontecimento psíquico a uma pura nodulação concreta – pois não se trata de geometria abstrata, é concreta: é preciso construir os nós – é também fugir do que disse antes.

• P – *No L'Étourdit, Lacan diz que os matemas não são metáforas. Por trás da lógica que ele lá tenta urdir, há a ideia de que a matemática está dizendo o real.*

Mas ele também diz que *le truc de la psychanalyse n'est pas mathématique*. E se a matemática disser o real, está tudo bem, pois o real é indizível. Então, ele

¹ “As palavras da língua, tal como escritas ou faladas, não parecem desempenhar qualquer papel em meu mecanismo de pensamento. As entidades psíquicas que parecem servir como elementos do pensamento são certos sinais e imagens mais ou menos claros que podem ser reproduzidos e combinados ‘voluntariamente’... Os elementos mencionados são, no meu caso, do tipo visual e outros do tipo muscular. As palavras convencionais ou outros sinais têm de ser procurados laboriosamente apenas numa segunda etapa, quando o jogo associativo de que falei já está bem estabelecido e pode ser reproduzido à vontade” (carta de Einstein, citada por Roger Penrose em *A mente nova do rei*).

não está dizendo nada. Entendam que Lacan é cheio de truques.

De qualquer modo, ficou no ar a frase “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. É a linguagem de Russell ou a de Wittgenstein? Para Freud, o Inconsciente era estruturado como um sonho, ou o Inconsciente era estruturado como um chiste. Ao perceber essas coisas, e para mostrar o aparelho funcionando, Freud foi à língua, às frases. Lacan deitou e rolou, e jogou tudo sobre Saussure, Jakobson, etc. Entretanto, se isto é verdadeiro, pelo menos não é suficiente para lidar com o Inconsciente (mesmo que o psicanalista meio trouxa pense que basta escutar frases, o que, como disse, foi o sucesso da psicanálise no século XX). Por isso, chamo atenção para o fato de a descrição do Inconsciente como linguagem partir daqui para trás. Ou seja, a frase de Lacan apenas se sustenta olhando a partir de um momento histórico de hipervalorização da língua falada. Mas, historicamente, como se ordenou o Inconsciente? Como linguagem? Não! A linguagem falada teve que nascer, não tem essa de Deus ordenar: “Fala, Adão!” Ela teve que brotar de competências possíveis da espécie. Assim, ao chegar aqui, havia uma quantidade enorme de sofisticções a respeito de milênios de falação – linguística, filologia, pensamentos filosóficos – sobre o que aconteceu e chegou aqui. Por isso, Lacan diz que o inconsciente é estruturado como isso aqui.

Quando digo “o Inconsciente é estruturado”, isto é passado ou futuro? É ambíguo, pode significar que foi e que está sendo estruturado: sempre se estrutura como tal. Então, como suponho que não dá mais para dizer “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, fiz a “brincadeira” de dizer “o Inconsciente é estruturado no que ele se engaja”. O que é o Inconsciente? Segundo a estrutura aqui apresentada, como dissera Freud, é o resultado de recalque. Ele teve que colocar um recalque originário como conjectura para afirmar isto, mas nunca o explicou. Para ele, já que há recalque, pôde conjecturar que houve um originário. Meu esquema não afasta o Inconsciente do Haver, nem das produções relativas ao Haver. Faço questão de que o Recalque não seja conjecturado, e sim concreto.

Minha posição é: há Recalque porque há um Recalque Originário *mesmo* no Haver. É o “desejo de não-Haver”, que é o único que descreve todo movimento pulsional, a Pulsão de Morte – e isto não é possível: o não-Haver não há, não comparece. Só comparece secundariamente como nomeação dessa falta. Ao dizer que o não-Haver não há, estou fazendo com que ele compareça na frase como suposta indicação disso que não comparece. Mas é secundário. O Haver, para fora e antes do Secundário – ou mesmo dentro dele, pois é ambíguo –, resulta de Impossibilidade de não-Haver. Se não-Haver fosse possível, nada haveria. A pergunta de filósofos bobos – “por que há o Haver, e não o não-Haver?” – é uma idiotice da língua, pois, se não-Haver houvesse para além do Secundário, repito, nada haveria. O não-Haver seria um buraco-negro absoluto.

Assim, no que parto da concretude, **o Haver é o Inconsciente**. Há um Recalque Originário que resultou no Haver. E se esse Recalque é que funda a impossibilidade de sair, isso aqui é o Inconsciente. Lacan foi esperto ao não dizer que Deus é o Inconsciente, e sim que Deus é inconsciente, mas esta também é uma frase ambígua. Ou Deus é um cara que é inconsciente, ou Ele é o próprio Inconsciente. Na religião, Deus é onisciente. Para Lacan, se Ele é inconsciente, não sabe o que está fazendo, é uma criança brincando com dados. Espinosa, muito perto do que estou dizendo, teve uma saída brilhante: Deus é a natureza (*Deus sive Natura*). Então, Ele existe concretamente, pois é a natureza. Mas a natureza é pouco para ser Deus. Ele tem que ser *o que há*. Por isso, digo que o Inconsciente é Deus. Se houver a ideia de Deus – ideia, aliás, que não foge da cabeça de ninguém –, Ele é o Haver. Acho este um passo um pouco adiante de Espinosa. Então, dado que o Inconsciente é o Haver com todas as suas formações, por que estou dizendo que o Inconsciente é estruturado como quando há engajamento? Porque o que estou chamando de Inconsciente, enquanto Haver, é o modelo do que quer que haja, e, como sabem, nada há fora do Haver.

Lembrem-se de que fiz a suposição de que estamos aqui com esta

problemática por ter aparecido no vivo, no biológico, uma espécie – ou várias que estão por aí, pelos universos – que repetiu o processo do Haver. É uma espécie que diz *não* por ter, dentro dela, em sua máquina, um movimento de Revirão: a espécie imitou o Revirão do Haver. O Haver é o Revirão: tenta não-Haver, não consegue, então revira para lá e para cá. Esta espécie, portanto, repete o movimento do Haver. Por isso, somos a loucura que somos. E podemos dizer: há o Haver como Inconsciente, e há o Inconsciente dessa formação do Haver que se repetiu dentro do Haver. Ou seja, há o Inconsciente enquanto Haver e, no seio do Haver – que, este, é inconsciente –, há a repetição de seu próprio princípio, que foi bater aqui nesta espécie e talvez em milhares de outras por aí. Assim, ao falar de nossa transa dentro do Inconsciente, e com o Inconsciente, estou dizendo que, dado que há Recalque Originário, dado que esta espécie repete o movimento do Haver, ela, além de uma grande complexidade biológica, cerebral – que certamente é o que foi capaz de nela repetir o que aconteceu no Haver como Recalque –, começa a verbalizar. Existe uma plethora de formações infinitas no Haver e dentro de nós, na transa de nossas formações com as outras construções derivadas da Quebra de Simetria. Esta Quebra é: não-Haver não há – então, isso fractaliza, explode tudo. Essas coisas explodem com desenho, como formações do Haver, e não sem desenho ou como o Haver em si. E essas formações transam umas com as outras. Chamarei isso de linguagem? Não! Quero dizer que são as formações do Haver, resultantes da Quebra de Simetria, da extrema fractalização e fratura do Haver, e que são caracterizadas, têm seus modos de funcionamento. Não sou obrigado a chamar isso de linguagem, pois não estou com referências à linguagem. Não sou do século XX, quero ser do século XXI e quero chamar isso de *Formações*, umas diferentes das outras, com as transas entre formações.

Dado isso, por que surgiu nesta espécie a tal linguagem? A fala, a possibilidade de verbalização? Basta tomar esse Inconsciente completamente pirado, que chamo de macaco maluco. Os macacos malucos, que são os primeiros

da espécie, eles, aqui em sua piração, já que podiam por terem um aparelho diferente, começam a verbalizar certas transas de suas formações com outras formações. Podemos, então, imaginar algo muito primitivo na origem da linguagem e da fala: eles tinham três ou quatro fonemas, mas que já podiam ser inscritos em algum lugar, ainda que fosse apenas no cérebro. Eram, pois, macacos bem primitivos, mas já com nossas competências e com seu Inconsciente que era repetição do outro (o não-Haver não há). Como eram macacos malucos, não sabiam o que faziam ou diziam. Os demais macacos eram sérios, tinham um programa, sabiam o que faziam e diziam. Entretanto, aqueles malucos tinham a competência de começar a marcar transas entre formações de diversas maneiras, graficamente e mediante sons que sabiam produzir. Marcavam as formações daqui e as de lá. Isto é o engajamento do Inconsciente, o qual – esta estrutura que nasce do Recalque e enlouquece o macaco – vai se engajando nas transas desse macaco: ele se engaja em fazer coisas e faz marcações de suas transas de várias maneiras. Aí pode falar com o outro. Vejam, então, que **a linguagem é resultado do engajamento do movimento do Inconsciente nas formações do Haver.**

Portanto, não estou partindo de hoje, quando temos uma sofisticação linguística de conhecer. Isto é muito depois. Parto de lá, de como isso pode ter nascido e, durante milênios, ter provocado o surgimento de línguas (sintomaticamente, como disse Lacan). O que me interessa é que esta espécie nasceu da repetição, seja por complexidade ou pelo que for, da mesma formação do Inconsciente. O Inconsciente enquanto formação se repete, e o bicho fica doido, perde as referências. Como ele ainda tem muito de Primário, isto não o deixa enlouquecer completamente. Mas é maluquete, pois perdeu as fronteiras. E, no que a função chamada Inconsciente se engaja nos processos, cria-se o que chamamos de Inconsciente da espécie. Por isso, digo: o Inconsciente é estruturado por esse engajamento.

• P – *A diferença entre o Haver como Inconsciente e o Inconsciente dessa*

formação do Haver que se repetiu dentro do Haver *é que o primeiro não registra?*

O primeiro registra, basta olhar para o que há. Vejam ali uma árvore, é um registro.

- P – *Mas a palavra árvore não é árvore.*

A palavra *árvore* é árvore – Lacan o disse (quanto a isto, estou com ele).

- P – *E o quadro de Magritte “Isto não é um cachimbo”?*

Se ele escreve isto, não é um cachimbo. A língua é doida, depende do Inconsciente. Ela resvala. Magritte, ao fazer essa metáfora tão forte de dizer “isto não é um cachimbo”, mostrando o que chamam de cachimbo, está sendo didático. Entretanto, se procurarmos em nossa vida, em nossa história, acharemos uma quantidade de vezes em que isto não é isto, e não é mesmo porque resvalou. Como já comentei em 2013, traduzi *Lalangua* – que Lacan tem motivos para escrever numa palavra só – por *Alíngua*, e Haroldo de Campos, sem ao menos me citar, escolheu por escrito [cf. seu artigo, de 1989, intitulado *O Afreudisiaco Lacan na Galáxia de Lalíngua (Freud, Lacan a Escritura)*]. Diz ele que *Alíngua* é negativo, e que, portanto, tem que ser traduzido por *lalíngua*. Mas existe *lalíngua* em português? Não! *Alíngua* é que está certo, como artigo e como negação. *Alíngua* pira, é o que quer dizer Lacan: ela *é* e *não é* língua, pois não diz tudo. Lembrem-se de que ele diz: “Je dis toujours la vérité, pas toute parce que les mots me manquent”.

- P – *Entendo que a palavra árvore seja árvore, mas não que “isto não é um cachimbo” não seja cachimbo.*

Está vendo ali no jardim? Isto não é uma árvore. Não há sobreposição da língua com outras formações. Há *transa*. Então, se o maluco olha para um cachimbo e diz “isto não é um cachimbo”, está certo. E se diz *árvore*, olhem a árvore lá, está certo. É como diz Lacan: “Falo a palavra *elefante*, e o elefante entra na sala”. Entra *mesmo*. O problema está em que isso desliza por Imaginário, por configurações, e ficamos *elefantizados*. A língua substituiu de tal maneira a transa

entre as formações que é possível a alucinação. Lembrem-se de que transa entre as formações é transa entre as formações do Inconsciente, não importa que seja meu ou do Haver. Alucinação só é possível por isso. Por que alguns alucinam? Os que não alucinam, aliás, são poucos. O certo, se não se mantivessem as barreiras impostas pela cultura, seria todos alucinarem facilmente. Basta ver a história da filosofia, em que cada filósofo alucinou o Haver de um jeito. O mais famigerado é o Sr. Kant.

- P – *Hegel é mais alucinado do que ele.*

Hegel é teatral. Pensa que vai construir a História e ela ficará bonitinha no palco. Kant acredita mesmo naquilo. É o chamado caga-regra.

É preciso de todo um artifício já produzido para saber que, ao falar *árvore*, ela lá não está. Se essas amarras forem tiradas e a pessoa resvalar, estará vendo árvore mesmo. O elefante entrou mesmo na sala e ela é capaz de sair correndo com medo dele. Ou seja, sem certas amarras para fingirmos ter nítida separação entre as realidades, a alucinação começará. Basta prestar atenção a nosso funcionamento no cotidiano para ver quantas vezes alucinamos. Por exemplo, chamo de alucinação o fato de, de repente, olhar para um lugar e – como a formação, na transa com a formação de minha visão, é ambígua – dizer que há algo ali. Em seguida, vejo que não há. Acontece conosco a todo momento. O pior, aliás, é o segundo momento, pois será que não há mesmo?

Vejam, então, que o que temos são formações com suas especificidades e suas transas. Isto não tem a obrigação de ser chamado de *linguagem*. O pessoal, muito depois, já adiante, tomou a língua, começou a aplicar e achou que ela dava conta de tudo. Mas, se desse conta, Lacan não diria a frase que citei há pouco para significar que a linguagem não é capaz de bem dizer: ela é *pas toute*. Diz uma porção de coisas, mas é um fracasso. A psicanálise não pode cair no engodo dos saberes que vão na contramão dela. É ela, aliás, que vai na contramão, é igual à Inglaterra (que, esta, tem o sintoma da psicanálise). As ciências e a prática

científica chegam a dar chance a um Popper dizer a bobagem que disse sobre a falsificabilidade. Mas o que temos aí são limitações e amarras, chamadas de método científico para não fugirmos aos protocolos. Gosto de Bachelard por dizer que isso escorrega a toda hora. O chato, aliás, é ele ter se tornado junguiano, mas, mesmo assim, o que traz é bonito e é bom. Ele começa a tratar as realidades fora do método científico – mas com *espírito* científico. Ou seja, para retomar o que foi dito no início, gnoseologicamente, e não epistemologicamente. A epistemologia de Bachelard não o é, é Gnoseologia. Ele não colocou ou reforçou ideia alguma de método científico, e sim de, repetindo, espírito científico. Basta ler seu *La Formation de l'Esprit Scientifique*, que é magistral. Há ainda seu *Novo Espírito Científico*.

- P – *Mas ele não está falando de fronteiras, de estabelecer um corte epistemológico?*

Corte epistemológico é um ato. O pessoal que produz ciência faz o *ato* de recorte. Não é que a realidade tenha recorte. Se tivesse, não seria corte *epistemológico*, e sim o recorte que há no Haver. Ele quis explicar a produção de conhecimento científico por um recorte. E é assim: faz-se um recorte – por isso, está errado. Por isso, a ciência está sempre errada. Não é que ela seja falsificável, e sim que ela está sempre errada. Só que seu erro dá certo – quando se aplica dentro das possibilidades dos limites antes estabelecidos. Mas, aplicado fora deles, não dá. Aí bateremos, por exemplo, nos *Principia Mathematica*, em Goedel (completude / incompletude), em Turing (computabilidade / incomputabilidade), como fracasso. No Brasil, temos dois vícios graves. Primeiro, aquele que há em todo o mundo: pensar que é isso mesmo, quando não é em parte alguma. É aí que Magritte diz “isto não é um cachimbo”: há que “descachimbar” nossas cabeças. Segundo, o Brasil tem o estigma do positivismo, sobretudo nas Forças Armadas. Não há milico que saiba pensar não positivamente. Assim, na escola, quando nos dizem que dois e dois são quatro, acreditamos que o são definitivamente. Não

aprendemos que só é assim quando se aplica esse tipo de pensamento. Se mudarmos o pensamento, não serão quatro, como sabem todos aqueles que conhecem matemática.

Por isso, digo que o Inconsciente não está estruturado se não houver engajamento, se não houver aplicação ou transa. Aí, ele vai se estruturando. Tomem uma criança e vejam que ela começa a ser forçada a engajar-se em certo mundo. Seu Inconsciente fica marcado: terá tal neurose, e não outra... Ele é estruturado de acordo com esse engajamento. O Inconsciente das IdioFormações não é o mesmo para todo mundo. Meu Inconsciente não é igual ao seu. Há o pedaço em que o Inconsciente de tal pessoa desta espécie está desenhado demais. Tanto é que, ao fazer análise, o Inconsciente dela começa a mudar. Até seus sonhos mudam. É sempre a mesma construção que se repete em todo lugar e tempo, mas, quando se trata de falar de seu Inconsciente, não é o caso de vir com abstrações, pois seu Inconsciente tem sintomas pétreos. A análise, de repente, fará com que eles transem com outras formações. Assim, no que alguém engaja seu Inconsciente numa análise, ele começa a conseguir elasticidade, e a pessoa já não é mais a mesma. Mas, repito, o Inconsciente *dele* é diferente de *meu* Inconsciente. Não posso, então, justo porque o analisando não é eu, ser o psicólogo de cagar regras sobre ele.

- P – *Para você, Linguagem é Revirão.*

Não há definição possível do que seja linguagem. Digo que é Revirão por ser o que *produz* linguagem. Animal não fala porque não tem Revirão. Ele é mero subproduto, pois não nasceu com a “desgraça” de repetir a constituição do Haver.

- P – *Linguagem, para muitos autores, não se confunde com língua. Esta é um caso de linguagem. Por que você diz que formação não é linguagem?*

A linguagem tem formações, mas a recíproca não é verdadeira. O século XX pensou que fosse verdadeira: se há linguagem, tudo é estruturado como linguagem. Não! Linguagem é um modo, um tipo, de formação. Uma língua é um

modo de formação, é modal. Não há que aplicar este modo de formação sobre as coisas, pois outras coisas são outros modos de formação. Não são língua nem linguagem, são formações estruturadas assim ou assado. Como uso a linguagem para mexer em outras formações, atribuo a essas formações a estrutura da linguagem. Não é. Se fosse, falaríamos tudo. Então, a linguagem é uma formação, mas nem toda formação é linguagem. Por operarem com linguagem sobre as formações do Haver, e porque, de certo modo, funciona, o erro desses séculos foi achar que uma tem a mesma estrutura da outra. Tanto é que há o Real como impossível de se dizer. Isto porque, repito, uma nada tem a ver com a outra. Se linguagem fosse compatível com todas as formações, Russell e Whitehead teriam acertado. O fracasso se deu porque eles estavam trabalhando com linguagens, e não adianta aplicar a linguagem às outras formações do Haver. Podemos ter algumas transas, mas outras não são possíveis. Linguagem e língua são um modo de constituir formações.

• P – *Em dado momento, você disse que formação é informação e conhecimento anotado. Para que seja informação e conhecimento anotado não preciso supor que sejam passíveis de transa e, para que haja transa, tenham alguma maneira de comunicação entre eles?*

É como o sexo. Lembrem-se do que foi dito n’*O Pato Lógico* (1979) sobre duas formações, cada qual com um monte de coisas. Algumas são transáveis – em analogia, pelo menos –, outras não. As que não são transáveis, só conseguimos definir mediante as que o são. E aí fica faltando o resto. Por isso, ciência e conhecimento não dão certo. Por mais que tenham encontrado um modo de analogia e de transa entre algumas formações dessas formações – cada uma é uma formação de formações –, isto resulta num saber, mas não todo, pois uma não é a outra formação. Podemos saber muito a respeito das formações do Haver, mas não tudo. Tomem o progresso da medicina, e vejam que é a insistência em conseguir o máximo de formações entre **analogias** de outras formações. Aquilo

vai crescendo, vai se anotando, acumulando, e as analogias podem ir ficando mais claras. É analogia, e não metáfora (esta é uma forma de analogia). Vamos, pois, acumulando transas que deram certo. Como há uma analogia entre o que falo e o que lá está, o repertório vai aumentando. Observem, por exemplo, que se faz grande investimento no sentido de produzir uma vacina para nos livrar de certa doença, mas não se consegue uma analogia total. Consequência, o que estava fora da analogia, mata a pessoa (como está acontecendo com uma colega nossa neste momento): a vacina tem uma percentagem que não é capaz de ser dominada, e mata. Deixaremos de tomar a vacina, sob risco de morrer mesmo sem chance? É a falta de saber da medicina e da biologia, pois é preciso um grande esforço para aumentar a transa das formações que nada têm uma com a outra.

Se as formações fossem mapeáveis ponto a ponto, em biunivocidade, saberíamos tudo. Em filosofia, costuma-se dizer que o simbólico não é o mesmo que o real, mas o que acontece é que as formações são dos mais diversos tipos e não transam completamente. É o que Lacan diz ao afirmar que a relação sexual é impossível. Generalizei ao dizer que é impossível entre qualquer pessoa e qualquer pessoa, e não apenas entre homem e mulher (pois não se sabe o que seja isso). Dá-se uma transada, mas não se consegue *relação* sexual alguma. Se conseguissem, virariam um pacote só, um andrógino. Isto porque falta, não se conseguem todas as analogias. Lacan tem o conceito de *falta*, mas, quanto ao que estou dizendo, a falta aparece mesmo, é concreta. O que existe é *excesso*. Assim, toda e qualquer transa sexual – pode ser até com uma cabra, uma vaca – é impossível. Freud notou isso de saída, que nossa vida é uma repetição infernal (*Wiederholungswang*). Quanto mais velhos ficamos, aliás, é mais infernal ainda. O inferno é pura repetição, é nietzschiano.

Vejam, então, que, para o nosso projeto, que é de lá para cá, não interessa já termos linguagens sofisticadas, e sim como esse animal veio a fazer o que fez. Há a questão eterna da *vida*, de como se passa do não vivo para o vivo. Até hoje,

em termos de produção de formações, não se conseguiu uma analogia ao fato, algo mais analógico a essa passagem do que já se disse. Como nasce a vida? Não adianta dizer que veio para cá trazida de outro lugar. Lá era o quê? Como se passa da química orgânica para o vivo?